



Sonoridades, timbres e tons: a experiência de realização do podcast Sensibilidades Antropológicas e a atualização de atmosferas etnográficas*

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Marcela de Lima Pereira

O que eu quero contar?

Sobre quem eu falo?

De que histórias me lembro?

música instrumental suave
volume abaixa enquanto a narração inicia

São tantas as experiências que a gente vive e que, de fato, não cabem no Currículo Lattes.

E não cabem – ou não cabiam – nas nossas elaborações acadêmicas... que às vezes tenho a impressão – eu falo por mim: que vamos engolindo suspiros, choros, risos... tantos afetos em campo, saudades, fracassos, vergonhas, vontades.

* Episódio produzido para compartilhamento no grupo de trabalho “Antropoéticas”, no âmbito da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



A vontade, por exemplo, que eu tinha de cantar, alto, enquanto dançava a brincadeira do Nove, lá nos arredores do Córrego do Machado, no Médio Jequitinhonha, onde eu realizava as pesquisas de mestrado e doutorado em antropologia.

Acho que tive que esquecer também cheiros pra escrever a tese.

O da terra, por exemplo.

A sensação da poeira se deitando sobre os fios dos meus cabelos.

É a vontade que eu tinha de cobrir o meu trabalho de terra. As capas da tese enterradas.

O calor, imenso. Meu corpo sentia.

Moleza, entrega. De vez em quando a brisa lampejava, sossego.

Os gostos. Do café forte da Dona Antonia, do biscoito que a mulher que nunca mais vi me ofereceu um dia, tirado naquele instante do forno feito de barro, alisado à mão, na beira da estradinha.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



O que eu via, além do que parecia explícito?

O que ouvia, além das cantigas do Nove ou as falas tão bonitas das cantadeiras e cantadores?

Via orgulho, medo, alegria, decepção, coragem.

Ouvia comunhão, separação, movimento, silêncio.

Todos os meus sentidos aprendiam. Eu aprendia a partir de todos os meus sentidos.

Era uma educação da atenção, como dizia Ingold.

E eu aprendia não só a partir de reflexões ou análises. Eu aprendia com meu corpo. E eu sentia. Eu aprendia sentindo.

Talvez tenha sido inabilidade minha, além de uma inabilidade da academia, eu não levar tantos sentidos para a dissertação ou a tese, mesmo tendo feito fotografias, desenhos, produzido um cd e um dvd.



O fato é que eu sentia que esse caminho estava incompleto. Um caminho que me levava ao meu próprio campo e às minhas experiências lá. De certa forma rompido quando precisei sair em pouco tempo do Jequitinhonha ao receber a notícia de que o estágio sanduíche se efetivaria.

E foi assim, em meio aos momentos mais críticos da pandemia do covid-19, e em meio a tantas despedidas daqueles tempos, que resolvi de alguma forma voltar ao meu campo etnográfico.

Sorver ali traçados, abraços, os cheiros e gostos que tive de apagar.

Remontá-los. Vivificá-los. Atualizá-los.

Para que então, em meu próprio tempo e no tempo das memórias que eu venho reconstruindo, poder fazer minhas despedidas.

Assim, a primeira temporada do podcast *Sensibilidades Antropológicas*, sem data pra acabar, configura-se como uma despedida.



Talvez não só do meu campo etnográfico, mas também uma despedida do apagar ou do anular suspiros, choros e risos, afetos e sentidos.

O *Sensibilidades Antropológicas* é um podcast narrativo e traz episódios curtos, de cerca de 10 minutos, com linguagem poética e algumas brincadeiras sonoras.

Com este episódio que criei para o GT Antropoéticas da trigésima terceira edição da Reunião Brasileira de Antropologia, eu quis compartilhar com vocês um pouco do processo que delineia a realização do podcast, e que tem me instigado em sua produção.

O que tenho buscado, e busquei aqui, é recriar espécies de atmosferas etnográficas que permeavam o campo que eu experienciei, e que são forjadas não apenas por vias racionais.

Mas experimentadas, ao mesmo tempo, a partir de múltiplas sensorialidades, corporalidades e do sentir. Eu quis dizer também de afetação, lembrando Favret-Saada.

A ideia da evocação e atualização de atmosferas etnográficas por meio do podcast me lembra Ingold.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



Mais precisamente, uma associação que ele propõe entre a construção de conhecimentos e a configuração de contextos ambientais em que determinadas habilidades possam se desenvolver.

Podemos considerar que o próprio campo etnográfico figura como um contexto ambiental em que habilidades como o olhar, o escutar, o falar, ou o sentir, possam se expandir.

No *Sensibilidades Antropológicas*, refaço caminhos rumo ao campo etnográfico no Médio Jequitinhonha, buscando a recriação deste contexto ambiental no podcast.

Assim, espero que o próprio podcast possa provocar e instigar em quem o ouve, percebe, sente, experiências habilidosas singulares do que Ingold chama de redescoberta orientada.

Caminhos inspirados em caminhos e caminhantes precedentes, mas a partir de seus próprios passos.



Novas experiências relativas aos fazeres antropológicos e aos aprendizados etnográficos compartilhados nos episódios.

Outros timbres e tons, outras sonoridades, sensorialidades e sensibilidades.

volume da música instrumental aumenta ao final da narração
vinheta de encerramento